

# AS PONTES DE PRETAROUCA (LAMEGO)

## REGISTO ARQUEOGRÁFICO NO ÂMBITO DE PROCESSOS DE AVALIAÇÃO DE IMPACTES AMBIENTAIS

**CARLA ALVES FERNANDES** Archeosfera, Estudos e Consultoria em Arqueologia Lda.  
 archeosfera@gmail.com

**CRISTÓVÃO PIMENTEL FONSECA** Archeosfera, Estudos e Consultoria em Arqueologia Lda. CHAM – FCSH - UNL | UAç

**RESUMO** No âmbito da realização do Descritor Património Arqueológico Arquitectónico e Etnográfico do Relatório de Conformidade Ambiental do Projecto de Execução da Barragem de Pretarouca (Lamego), a Archeosfera, Estudos e Consultoria em Arqueologia, Lda. executou em 2006 trabalhos de minimização de impactes, entre os quais se destaca o estudo e registo sistemático (memória descritiva, levantamento topográfico, gráfico e fotográfico exaustivos) de duas pontes de época medieval/moderna. Os trabalhos efectuados permitiram assegurar o registo para memória futura do património edificado identificado na área de afectação do empreendimento.

**PALAVRAS-CHAVE** Minimização de impactes, Lamego, rio Balsemão, pontes, Idade Média, Idade Moderna

### ENQUADRAMENTO E INTERPRETAÇÃO

A freguesia de Pretarouca posiciona-se no extremo Sudoeste do concelho de Lamego, sendo constituída pelas aldeias de Dornas e de Pretarouca, cingidas e simultaneamente estruturadas em função do curso do Rio Balsemão.

A dureza do clima e a exiguidade dos espaços detentores de solos aráveis contribuíram para constituir uma das zonas de povoamento mais parco do concelho de Lamego, que também se prolonga pelos concelhos limítrofes de Castro Daire e Resende.

As aldeias foram erigidas genericamente em locais de passagem fácil, com abundância de recursos hídricos e dispendo de terrenos aptos para práticas agro-pastoris (Correia, Alves e Vaz, 1995, p. 132). Contudo, a exiguidade dos terrenos de vale aplanados e férteis, espaços preferenciais para actividades agro-pastoris, relegou a implantação dos núcleos urbanos para a meia-encosta e relevo contribuiu para a constituição de uma malha urbana irregular, na qual se denota um esforço de adaptação da planta dos edifícios à micro-topografia. O Rio Balsemão apresenta-se localmente como linha hidrográfica estruturante. O clima húmido caracteriza-se por um regime meteorológico torrencial no Inverno e fraco no Verão, influenciando na significativa irregularidade sazonal do caudal do rio.

Em Pretarouca é por demais evidente a importância

da relação com o rio e com a abundância de água resultante de inúmeros poços, nascentes e minas de água, mas em particular as inúmeras estruturas molinológicas, de origem remota na região.

Já no século XIV encontra-se a menção a dois moinhos (um em Corgo de Calões e outro em Pego Negro). O Abade Veríssimo em 1758 afirma que já laboravam muitas mós, que o rio se encontrava cortado por cachoeiras, açudes e levadas, que a pesca era livre durante todo o ano e todos podiam utilizar a água para rega. O significado local do moinho revela-se através do topónimo Dornas, com origem na terminologia tipológica, que define os moinhos de dornas, baças ou pipas.

Relativamente às origens da toponímia e divisão administrativa, as *Inquirições* de 1258 (cits., f 144) referem “*villa de Portu Tarouca est ecclesiae Sancta Maria de Almacave de testamento militum*”. A paróquia de Pretarouca encontrava-se assim anexa à paróquia de Almacave.

Porto de Tarouca, como ainda se designava no final do século XV, sugere a passagem de uma antiga via por lugares montanhosos, como as portelas, com paragens ocasionais para transacção de mercadorias ou pagamento de direitos (Costa, 1977, p. 45).

Por este caminho passavam os que da praça de Almeida, por Tarouca e Lalim, se dirigiam a Coimbra, ao Porto e a outras cidades. Esta importante zona de passagem justificaria assim a existência de uma ponte

já desde época romana: a ponte de Reconcos (Costa, 1977, p. 45).

Do padroado real Pretarouca passa para o domínio do Deão, por troca do campo do Tablado, em Lamego. O Deão chegou a aí exercer jurisdição civil, tendo inclusivamente coutado um trecho do Rio Balsemão (Costa, 1924). O Deão apresentava-se como o grande senhorio directo de toda a freguesia.

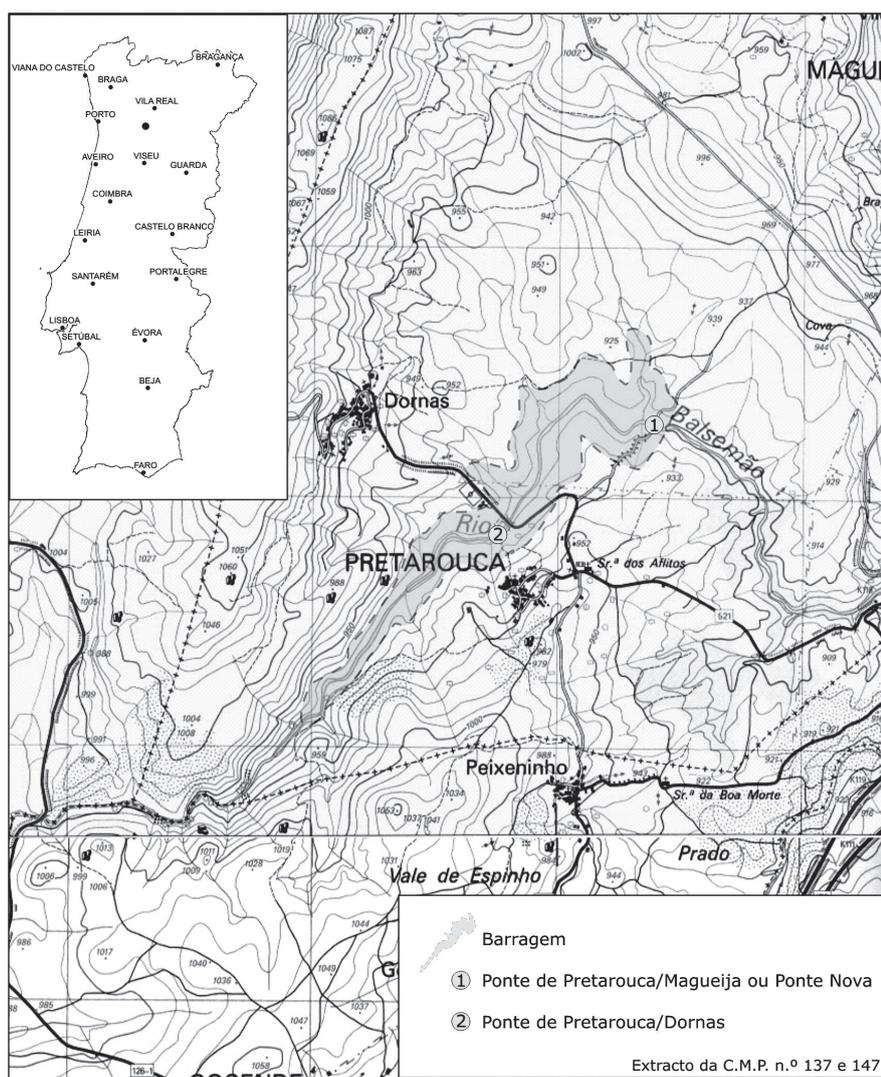
Do Tombo ordenado pelo Bispo D. Fernando Coutinho, a 18 de Dezembro de 1495, transparece claramente que grande parte da propriedade tinha como senhorios directos a Igreja e os conventos. A referência desse Tombo é de "Porto Tarouca" (Costa, 1975, p. 43).

Relativamente à freguesia de Pretarouca, no "cadastro da População do Reino", datado de 1527, é referida a "aldeia do porto de Tarouca", no termo da cidade de Lamego. Reforçando a existência de um antigo sítio de travessia ou porto do Rio Balsemão para a vila de

Tarouca (Laranjo, 1995, p. 75). Pretarouca encontrava-se então incorporada no termo de Lamego, sujeita ao senhorio da coroa, permanecendo eclesiasticamente anexa à igreja de Almacave. Contava apenas com sete fogos, não se considerando o lugar de Dornas, por se encontrar incorporado no concelho de Gosende (Costa, 1977, p. 46).

Em 1739 a paróquia de Pretarouca mantém-se anexa à de Almacave e é recolhido o dízimo pelo Deão, pelo direito de padroado. O Deão recebia ainda vários foros de terras de que era directo senhor (Costa, 1975, p. 43). Já no ano de 1798 o "Censo de Pina Manique" refere a freguesia de S. Nicolau de Pretarouca com a grafia actual e Joaquim de Azevedo na "História de Lamego" de 1877 regista Pretarouca também com a mesma fórmula (Laranjo, 1995, p. 75).

Pretarouca deixou de pertencer ao concelho de Lamego, segundo o Decreto de 28 de Junho de 1832 e feito



1. Localização da barragem e das pontes históricas de Pretarouca.

o “arredondamento” do concelho, conforme acta da Câmara de 20 de Setembro de 1834. Assim, “As freguesias de Bigorne, e Pretarouca, que athe agora pertencião ao concelho de Lamego, foram delle desanexadas por passarem a pertencer a concelho de Gozende e anexos” (Laranjo, 1995, p. 77). A povoação, embora eclesiasticamente freguesia, foi durante largos anos civilmente anexa à povoação de Bigorne.

Desenvolvem-se várias consultas e em acta da Câmara Municipal de 1867 sugere-se mesmo a incorporação de Pretarouca, Magueija e Bigorne na freguesia de Penude, formando uma única freguesia com sede em Matancinha, por se tratar de um ponto central (Costa, 1975, p.



2. Trabalhos de registo arqueográfico.

116). Diversas questões de ordenamento semelhantes ainda se levantam em 1887 (Laranjo, 1995, p. 77).

Pretarouca nem sequer é referida na citação do concelho de Lamego no Código Administrativo de 1940. A restauração da freguesia civil é bastante recente, datando de 1954 (Laranjo, 1995, p. 77).

Seabra e Melo, sobre a situação de esquecimento da freguesia refere que: “ver alguma coisa escrita em letra redonda sobre Pretarouca é quase um milagre. Gerações se têm sucedido e nada se tem dito sobre tão recôndito lugar.” (Laranjo, 1995, p. 77).

Abade Veríssimo (1758) designa o Balsemão como “Rio de Magueija” e refere que este era atravessado por três pontes em cantaria (indicando que uma destas seria a ponte romana de Pretarouca) e outros pontigos em madeira (Costa, 1975, p. 116; Inquirições, em Cab, 2.<sup>a</sup> Remessa, 4, f. 97, 101v; Dicionário Geográfico, 28, p. 986 sgs). M. Gonçalves da Costa (1977, p. 528) faculta outros dados sobre a questão ao referir que a ponte “(...) era romana (...) de Reconcos”<sup>1</sup>, “que servia de passagem aos que de Almeida se dirigiam ao Porto, seguida por um pontigo dentro da povoação de Pretarouca”.

O mesmo autor refere que, pelo menos, nos começos do século XVIII o Rio Balsemão era atravessado por duas pontes de pedra situadas a meio e ao fundo do povo de Pretarouca (Costa, 1982, p. 490).

A pedra compõe a estrutura das pontes de Pretarouca, a fonte de matéria-prima é autóctone ou de uma região muito próxima, devido à similitude com a rocha que se identifica nos afloramentos do território: o granito.

Vasco Mantas indica que os indícios de vias romanas mais próximos da área de estudo registam-se em Balsemão<sup>2</sup> e Cárquere, atingindo o Douro na área de Porto Antigo, perto de Caldas de Arego (Mantas, 1995, p. 225)”. No entanto, a bibliografia cita uma fotografia que ilustra uma eventual estrada romana que ligaria Cotelo a Gralheira (Correia, 1999, p. 28).

Uma via antiga é também referida como passando por um lugar montanhoso, por portelas, com paragens ocasionais para transacção de mercadorias ou pagamento de direitos. Neste contexto integrar-se-ia uma suposta ponte romana, no caminho de Almeida e Coimbra, que passaria em Tarouca, Lalim e Pretarouca (Costa, 1979, p. 45).

A história das vias medievais e modernas é a história dos caminhos regionais que serviam as pequenas povoações e as cidades mais próximas, distinguindo-se nos seus propósitos dos grandes projectos viários planificados de época romana. A manutenção e restauro de calçadas e a construção de pontes eram considerados actos de

1. Localizada a escassos quilómetros a jusante da área de estudo.  
2. Onde foi identificado um *terminus augustal* (CIL II 6199).

iedade. Os monarcas, eclesiásticos e nobres, nos seus testamentos, a par de legados para missas, estabeleciam donativos para a construção de pontes (<http://geocities.com/doesferreiras/romanicoportugues.html>). Foram de extrema importância os pequenos circuitos comerciais que permitiam o abastecimento de povoações locais, através de micro-redes que ligavam Feirão a Bigorne (Correia, Alves e Vaz, 1995).

Associados às pontes de cantaria de Pretarouca identificam-se troços de calçada ainda conservados em escassas dezenas de metros. Estes trajectos integram a rotina diária dos pastores e dos rebanhos nas deslocações para os terrenos de pasto.

Os caminhos rurais de terra batida são ladeados por muros de pedra seca. Os caminhos e trilhos do vale permitem a travessia de uma margem para a outra em diversos locais, através de pontões ou de simples blocos graníticos fixados no leito do rio. A precariedade de algumas destas estruturas resultou no seu progressivo desmantelamento e foram-se tornando inacessíveis, devido ao abandono e ao crescimento de densa vegetação, sobretudo silvados e giestas.

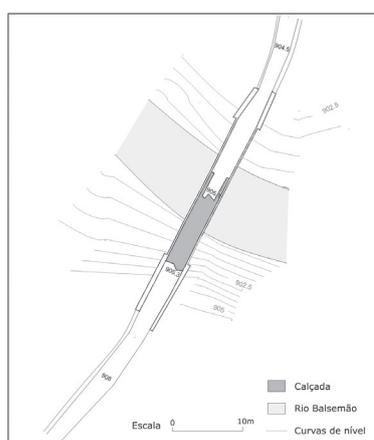
A manutenção das tipologias construtivas ao longo de vários séculos, reportando-se em última instância aos modelos estruturais romanos, não permitem aferir a cronologia de edificação das pontes de Pretarouca a partir de critérios tipológicos e/ou tecnológicos.

Não foram identificados indícios de gravuras ou epi-

táfios nos silhares das pontes de Pretarouca. Isto não implica que os elementos pétreos sejam anepígrafos, mas podem ter-se tornado ilegíveis devido à erosão e à densa cobertura de musgos e líquenes nas superfícies. As fontes documentais são pouco explícitas quanto a estas estruturas e os autores que as trabalharam também são inconclusivos.

No entanto, sintetizam-se alguns aspectos relevantes desta abordagem: Pretarouca (conforme a formação toponímica indicia) e o seu entorno imediato constituíram área de trânsito atestado em época medieval e moderna, para circuitos regionais de grande importância para as populações. Estes circuitos dependiam de pontos de travessia do Rio Balsemão, que se materializaram em pontes de cantaria, mas também noutras estruturas de menor dimensão ou monumentalidade, algumas das quais teriam sido concebidas em madeira. A citação mais explícita relativa à existência de duas pontes em Pretarouca remonta aos inícios do século XVIII (Costa, 1982, p. 490). Não existem, no entanto, quaisquer bases sólidas para recuar a existência destes trajectos até à romanidade.

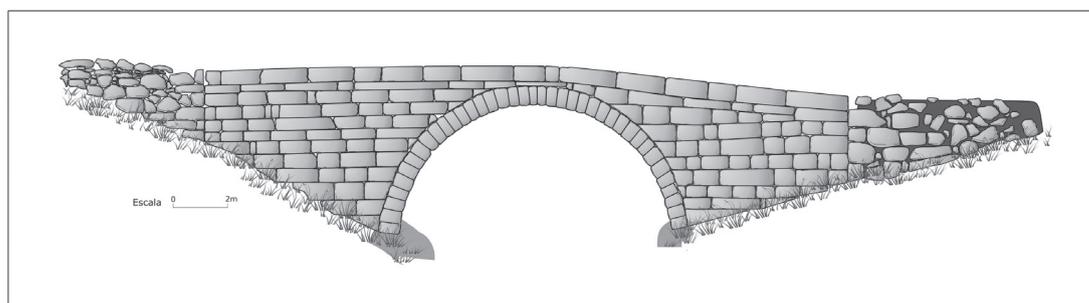
De acordo com a tradição oral a ponte que une a margem de Pretarouca à de Magueija é referida como a "Ponte Nova", existindo uma noção de maior antiguidade da ponte que liga Pretarouca a Dornas. A mesma tradição inscreve ambas no longínquo passado romano.



Levantamento topográfico



Vista no sentido norte



Desenho do alçado jusante (escala 1:160)

### 3. Ponte de Pretarouca/Magueija ou Ponte Nova.

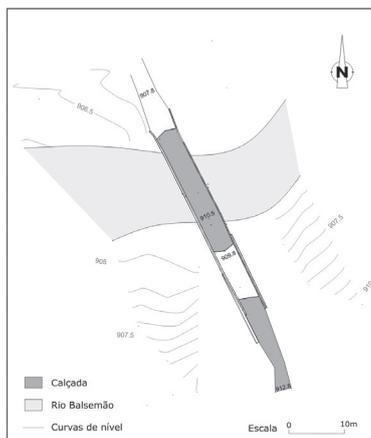
## PONTE DE PRETAROUCA/MAGUEIJA OU PONTE NOVA

Localiza-se no vale do Rio Balsemão, em zona de relevo pronunciado e margens declivosas, onde se destacam proeminentes afloramentos graníticos e densa cobertura vegetal. Construção de cantaria de granito. É constituída por um só arco de volta inteira, que aranca directamente do leito do rio e é composto por arquivolta de uma só fiada de aduelas. São observáveis no intradorso do arco os quatro orifícios da linha de suporte da construção. Os paramentos laterais são compostos por cilhares paralelipipédicos, bem aparelhados, de arestas marcadas (embora revelem alguns sinais de erosão). Os contrafortes marcam os limites externos da estrutura, salientes em relação ao perfil central e compostos por blocos menos cuidados e irregulares. Possui tabuleiro em cavalete pouco pronunciado, com pavimento de grandes blocos, mais arcaicos que a calçada de pedra miúda irregular recentemente colocada. As guardas são perfeitamente alinhadas com o perfil do tabuleiro e compostas por uma única fiada de blocos. As guardas dos contrafortes são muito mais rudimentares e espessas, compondo uma imagem de amuramento irregular de pedra seca, em sequência com os muros que ladeiam a calçada. Deverá ser uma construção datada entre o século XVI e inícios do século XVIII (limite cronológico para o qual

a bibliografia assinala a efectiva existência de duas pontes, uma ao meio e outra ao fundo do povo de Pretarouca, vide Costa, 1982, p. 490). Não são registáveis distintos momentos históricos na edificação ou reparação da estrutura, para além da repavimentação do século XIX. Não foram identificadas marcas de canteiro ou outras expressões gráficas que permitam aferir datações relativas.

## PONTE DE PRETAROUCA/DORNAS

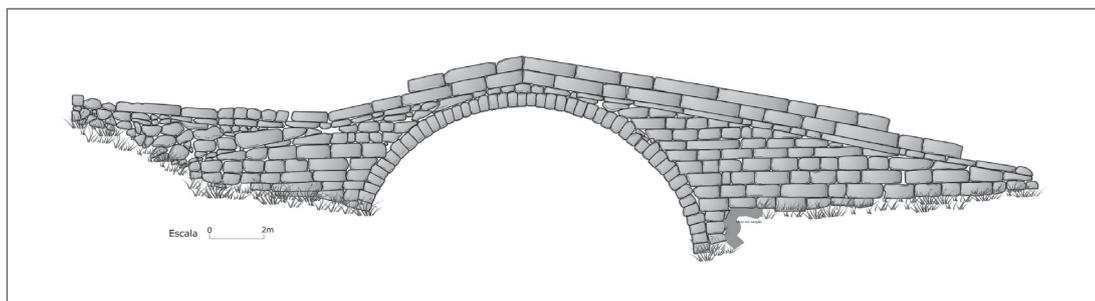
Localiza-se no vale do Rio Balsemão, em zona de relevo pronunciado na margem direita e aplanado na margem esquerda. Destacam-se proeminentes afloramentos graníticos. Construção de cantaria de granito. É constituída por um só arco de volta inteira que aranca de grandes afloramentos graníticos que sobressaem do Rio Balsemão e é composto por arquivolta de uma só fiada de aduelas. São observáveis no intradorso do arco os quatro orifícios da linha de suporte da construção. Os paramentos laterais são compostos por cilhares paralelipipédicos, bem aparelhados, de arestas marcadas (embora revelem alguns sinais de erosão). Não possui talhamares ou contrafortes. Possui tabuleiro em cavalete, com pavimento de grandes blocos. As guardas não se encontram totalmente alinhadas com o perfil do tabuleiro, são assimétricas, compostas por uma a duas fiadas de blocos. Existem



Levantamento topográfico



Vista no sentido noroeste



Desenho do alçado jusante (escala 1:160)

### 4. Ponte de Pretarouca/Dornas.

olhais ou goteiras apenas na guarda exposta a montante. Embora não possua contrafortes, a estrutura oblíqua resultante do cavalete, na margem direita é colmatada por enchimento directamente sobreposto, muito mais rudimentar e irregular. Não é determinado se o enchimento consiste num acrescento posterior à construção da ponte, mas não implicou o mesmo investimento e cuidado. A sua função é claramente a de

colmatar a discrepância altimétrica entre o *terminus* do tabuleiro e a subida íngreme que se seguiria na margem direita, no caminho para Pretarouca.

Deverá ser uma construção datada entre os séculos XIV-XVI, num prolongamento da tradição construtiva medieval. Não foram identificadas marcas de canteiro ou outras expressões gráficas que permitam aferir datações relativas.

## BIBLIOGRAFIA

- ADAM, J. (1996) – *La Construcción Romana, Materiales y Técnicas*. León: Editorial de los Oficios.
- ALARCÃO, J. (1988) – *Roman Portugal. Porto, Bragança e Viseu*. Vol. 2. Fasc. 1. Warminster: Aris & Philips.
- ALBUQUERQUE, J. (1962) – *Origens de Lamego. Época Romana*. II. Porto.
- AZEVEDO, P. (1915-1934) – *Documentos das Chancelarias Reais*. 2 Vols. Lisboa.
- AZEVEDO, P. (1958-1962) – *Documentos Medievais Portugueses*. Lisboa.
- CARVALHO, J. (2002a) – *Ponte de Pretarouca / Ponte de Dornas. Inventário do Património Arquitectónico*. Direcção geral de Edifícios e Monumentos Nacionais. [www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)
- CARVALHO, J. (2002b) – *Ponte de Pretarouca / Ponte de Magueija. Inventário do Património Arquitectónico*. Direcção geral de Edifícios e Monumentos Nacionais. [www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)
- CARVALHO, J. (2002c) – *Ponte de Pretarouca / Ponte de Reconcos. Inventário do Património Arquitectónico*. Direcção geral de Edifícios e Monumentos Nacionais. [www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)
- CHICÓ, M. T. (1966) – *Pontes e aquedutos de Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga.
- COLAÇO, J. T. de M. (1934) – Cadastro da População do Reino (1527). *Revista da Faculdade de Lisboa*. Ano II, p. 147.
- CORREIA, A. (1999) – *Castro Daire: Roteiro Turístico do Concelho*. Castro Daire: Câmara Municipal de Castro Daire.
- CORREIA, A.; ALVES, A. e VAZ, J. (1995) – *Castro Daire*. Castro Daire: Câmara Municipal de Castro Daire.
- COSTA, M. G. da (1924) – *Monografia do Arcebispado de Lamego*. Lisboa.
- COSTA, M. G. da (1975) – *Paróquias Beiraltinas. Penude e Magueija*. Lamego.
- COSTA, M. G. da (1977) – *Historia do Bispado e Cidade de Lamego. I Idade Media: A Mitra e o Município*. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu.
- COSTA, M. G. da (1979) – *Historia do Bispado e Cidade de Lamego. II Idade Media: Paróquias e Conventos*. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu.
- COSTA, M. G. da (1982) – *Historia do Bispado e Cidade de Lamego. III Renascimento I*. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu.
- COSTA, M. G. da (1984) – *Historia do Bispado e Cidade de Lamego. IV Renascimento II*. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu.
- COSTA, M. G. da (1986) – *Historia do Bispado e Cidade de Lamego. V Barroco I*. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu.
- DIAS, A. (1947) – *Lamego no século XVI. Beira-Douro*. Vila Nova de Famalicão: Grandes Oficinas Gráficas Minerva.
- ENCARNAÇÃO, J. da (1877) – *Historia eclesiastica da cidade e bispado de Lamego*. Porto: Typ. do Jornal do Porto.
- FERNANDES, C. A. e FONSECA, C. P. (2006) – *Relatório de Conformidade Ambiental do Projecto de Execução (RECAPE) – Origem de Água do Subsistema de Abastecimento do Balsemão Barragem de Pretarouca. Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnográfico*. Lisboa: AmbiArche/Archeosfera, Lda. – DHV, S.A. Edição policopiada.
- FERNANDES, R. (1936) – Descrição do terreno em roda da cidade de Lamego. *Inéditas da História Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional. Tomo V. 2.ª Ed.
- FIGUEIREDO, C. J. M. e RIBEIRO, A. (1953) – *Subsídios para o estudo da viação romana das Beiras*. Viseu: Tipografia Beira Alta.
- GUERREIRO, A. (2007) – Moagens de Pretarouca e Dornas. *Molinologia Portuguesa*. Volume Anual 2007. Belas: Etnoideia, Lda., p. 17-26.
- LARANJO, F. J. C. (1995) – *No Compasso do Concelho de Lamego (24 Freguesias)*. Lamego: Câmara Municipal de Lamego.
- MANTAS, V. (1995) – A rede viária romana do território português. *História de Portugal. O Mundo Luso-Romano*. Vol. II. Alfragide: Ediclube.
- MARQUES, J. A. (2005) – *Pontes históricas do Alentejo*. Lisboa: Ministério da Cultura. IPPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- VAZ, J. L. I. (1982) – Inscrições romanas de Balsemão (Lamego). *Beira Alta*. 41 (1). Viseu, p. 257-267.
- VAZ, J. L. I. (1982) – Breve catálogo das inscrições romanas de Lamego. *Beira Alta*. 41 (2). Viseu, p. 781-792.
- <http://geocities.com/doresferreiras/romanicoportugues.html>